

# Nietzsche x Zeca Pagodinho: deixa a vida me levar?

---

*Nietzsche x Zeca Pagodinho: "let life take me"*

*Daniel Richardson de Carvalho Sena<sup>1</sup>*

## RESUMO

Este escrito tem por objetivo discutir numa perspectiva filosófica, tendo como base o pensamento do filósofo alemão Nietzsche, a ideia de que a vida conclama a uma dinâmica de construção e de superação constantes, diferente do corolário “deixa a vida me levar”, título de uma conhecida canção brasileira. A análise do tema em pauta se deu por meio da discussão sobre o conceito de “vida” que se encontra imbricado a duas instâncias: à investigação genealógica e ao conceito de vontade de potência. Infere-se que a escolha mais saudável de se viver e de se relacionar consigo mesmo e com o mundo que nos cerca, passa por um esforço pessoal que abarca todas as contingências da vida, num contínuo exercício de coragem, resistência e, se possível, de superação.

**Palavras-chave:** Vida. Força. Resistência. Superação.

## ABSTRACT

This paper aims to discuss from a philosophical perspective, based on the thought of the German philosopher Nietzsche, the idea that life calls for a constant dynamic of construction and overcoming, different from the corollary "deixa a vida me levar [let life take me]" title of a well-known Brazilian song. The analysis of the theme in question came about through the discussion of the concept of "life" that is embedded in two instances: genealogical research and the concept of the will to power. It is inferred that the healthier choice to live and to relate to oneself and to the world around us goes through a personal effort that encompasses all the contingencies of life, in a continuous exercise of courage, endurance, and, if possible, of overcoming.

**Keywords:** Life. Strength. Resistance. Overcoming.

17

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia do Instituto Federal do Amazonas –IFAM; Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Graduado em Filosofia e em Geografia (UFAM) Endereço de e-mail: daniel.sena@ifam.edu.br

## Introdução

Deixa a vida me levar (vida leva eu)/Deixa a vida me levar (vida leva eu)/Deixa a vida me levar (vida leva eu)/Sou feliz e agradeço por tudo que Deus me deu...<sup>2</sup>

Existem ditados, frases ou expressões que são bastante difundidos e reproduzidos por um grande número de pessoas, principalmente quando surgem em forma de canções. Tais passagens são absorvidas pela mente e inconscientemente repetidas devido à maciça execução nos diversos veículos de comunicação.

Porém, algumas vezes esses ditados, frases, ou expressões presentes em músicas possuem um conteúdo que não é considerado por aqueles que os repetem mecanicamente, declamam ou cantarolam seus versos.

A canção supracitada é um exemplo claro. A mesma é alegre, leve e otimista. Entretanto, analisando-a com um mínimo de critério pode-se demonstrar que algo tão aceito pelas pessoas pode ser rebatido: será que é possível viver de acordo com o que a vida lhe oferece, como se os caminhos que a mesma lhe destina se resumissem a apenas diversão, tranquilidade, ausência de preocupações ou metas?

É preciso esclarecer que o título desse escrito é uma provocação e que não existe nada contra a pessoa ou a obra do sambista Zeca Pagodinho. Pelo contrário, estima-se que o mesmo possui um trabalho consistente e que

<sup>2</sup> MERITI, Serginho; DO CAIS, Eri. **Deixa a vida me levar**. São Paulo, Universal Music, 2002.

suas canções estão muito à frente do que é produzido atualmente em matéria musical. Além do mais, a letra da canção em destaque nem é de sua autoria.

Desse modo, busca-se justificar o porquê da letra de uma música interpretada pelo Zeca Pagodinho como elemento central nessa discussão. Parafraçando o filósofo alemão F. W. Nietzsche (2005, p. 32): “[...] nunca ataco pessoas - sirvo-me da pessoa como uma forte lente de aumento com que se pode tornar visível um estado de miséria geral, porém dissimulado, pouco palpável”.

Nesse sentido, o título desse texto poderia também ser “Nietzsche x Skank”: “Vou deixar a vida me levar/Pra onde ela quiser/Seguir a direção/De uma estrela qualquer [...]”<sup>3</sup>.

Ou até mesmo “Nietzsche x Wesley Safadão”: “Eu to de pernas pro ar/Eu to no clima e vou deixando a vida me levar/Eu to no clima e vou pra cima/Eu to de pernas pro ar [...]”<sup>4</sup>.

Contudo, o nome do Zeca Pagodinho parece mais adequado para essa análise, pois sua música “*Deixa a vida me levar*”, apesar de não ser uma canção nova, é bastante conhecida, e como já foi dito, esse texto é uma provocação.

A abordagem sobre a comodidade de “*deixar a vida me levar*” poderia também ter como tônica

<sup>3</sup> ROSA, Samuel. **Vou Deixar**. São Paulo, Sony Music/Epic, 2003.

<sup>4</sup> SAFADÃO, Wesley **Ninguém segura eu**. São Paulo, Som livre, 2014.

outros pensadores além de Nietzsche: Sartre, por exemplo, expõe a fraqueza humana por meio do conceito de má fé, em que o indivíduo mente para si mesmo e acredita na própria mentira; Blaise Pascal critica o covarde que mente para si e se embriaga com diversão; Kant repreende o sujeito que permanece na menoridade intelectual, isto é, alguém que não faz uso do próprio entendimento por comodidade ou preguiça; ou ainda Kirkegaard, em sua abordagem sobre o estágio estético da existência, em que o indivíduo vive o momento em busca de prazer e do que lhe é agradável.

Porém, as reflexões Nietzscheanas se mostram mais adequadas a esse projeto, pois, para Nietzsche a Vida é mais que um conceito, é um critério de valor.

Por conseguinte, o escrito em pauta busca discutir numa perspectiva filosófica, tendo como base o pensamento de Nietzsche, a ideia de que a vida conclama a uma dinâmica de construção e de superação constantes e não alguma coisa apenas como “*seguir a direção de uma estrela qualquer*”.

Inferir-se que “*deixar a vida me levar*” é obviamente bastante cômodo, entretanto também pode ser um sintoma de fraqueza ou até mesmo de mediocridade.

### **O sentido de Vida em Nietzsche**

A concepção do que seria “Vida” no pensamento de Nietzsche não é algo totalmente explícito em sua obra e se encontra imbricada a duas

instâncias: à investigação genealógica e ao conceito de vontade de potência.

A genealogia é um instrumento utilizado por Nietzsche para “diagnosticar” os valores. De acordo com Marton (1999), o procedimento genealógico possui uma dupla tarefa: interrogar sobre a origem dos valores atribuídos às coisas e questionar pelo valor dessa origem, tendo em vista revelar em quais perspectivas os valores foram cunhados e avaliar os próprios valores erigidos.

Nesta primeira tarefa, o procedimento genealógico avalia a chamada “moral dos senhores” e a “moral dos escravos”. Nietzsche toma como modelo de senhores a aristocracia guerreira dos tempos homéricos. Os senhores ou os fortes concebem o que seriam os “Bons” valores a partir de si mesmos e de suas características imanentes como a força, a beleza, a coragem ou a ousadia, por exemplo.

Já os servos ou os fracos arquitetam a ideia de “Mau” a partir dos valores tidos como “nobres” pelos senhores, colocando os mesmos como valores negativos. Nietzsche afirma que esse tipo de inversão de valores arranjada pelos servos funda a moral dos ressentidos, pois, se não é possível possuir as características dos senhores, passa-se então a denegrir seus valores, colocando-os como maus.

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador de valores e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm

reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não- eu” – e este Não é seu ato criador. Essa inversão do olhar que estabelece valores – esse necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação”. (NIETZSCHE, 2001, p.28-29)

Desse pensamento, pode-se inferir que “Bom” para os senhores não é o mesmo para os servos. O “Bom” dos senhores se origina de uma afirmação, enquanto os servos operam uma inversão de valores, onde não existe uma criação de valores, mas uma reação ou ressentimento. Para Nietzsche, a moral do ressentimento brota quando a classe sacerdotal domina a nobreza guerreira na Grécia Antiga.

A segunda tarefa do procedimento genealógico é avaliar os próprios valores arquitetados. Essa empreitada busca saber se a maneira de avaliar o que é o “Bom”, segundo os senhores, será melhor do que o “Bom” de acordo com os servos.

Para Nietzsche, a maneira dos senhores avaliarem o que é o “Bom” contribui para a expansão da vida, pois consiste em um ato de afirmação, ao passo que a maneira como os servos avaliam contribui para sua degenerescência.

Assim, o critério de avaliação para o que seria o “Bom” é a própria vida, ou seja, algo é “Bom” na medida em que a conserva, que a torna maior e

mais forte. Conforme Marton, a vida seria o crivo por meio do qual tudo deve ser avaliado.

Então como avaliar? O único critério de avaliação que se impõe por si mesmo é a vida. Perguntar pelo valor da vida implica colocar-se fora dela. A linguagem, a história, o mundo, são perpassados por forças que aí se manifestam. As forças podem ser ativas ou reativas; as ativas contribuem para o florescimento da vida e as reativas, para a sua degenerescência. (MARTON, 1999, p.70)

A Vida é entendida como um critério de avaliação, porém, também possui um critério de valor que não pode ser avaliado, ou seja, a vida é a base e seu valor não pode ser nomeado:

É preciso estender as mãos e fazer a tentativa de apreender essa espantosa *finesse [finura]*, a de que o valor da vida não pode ser estimado. Não por um vivente, porque ele é parte interessada, até mesmo objeto da disputa, e não juiz; e não por um morto, por um outro motivo. - Que um filósofo enxergue no valor da vida um problema é até mesmo uma objeção contra ele, uma interrogação diante de sua sabedoria, uma não sabedoria. (NIETZSCHE, 2006, p. 18)

A Vida, portanto, pode ser entendida como um critério de avaliação dos valores ligados à conservação, à expansão ou à diminuição das forças. Para Nietzsche, a avaliação significa criação, pois não há valores, mas apenas avaliações:

Foi o homem que pôs o valor nas coisas para se manter – foi ele que

criou o sentido das coisas, um sentido humano! Por isso denomina-se “homem”, Isto é: o avaliador. [...] Avaliar é criar: ouvi. Ó criadores! A própria avaliação é o tesouro e a joia de todas as coisas avaliadas. (NIETZSCHE, 2014, p. 65)

Com a afirmação “*Avaliar é Criar*”, Nietzsche situa a avaliação a uma potência criadora em que a Vida dá a tônica. Assim, o valor de uma interpretação é posto de acordo com a sua relação frente à vida.

Para Nietzsche, a Vida se confunde com Vontade de Potência:

Onde quer que tenha encontrado algo vivente, lá encontrei vontade de poder [...] Apenas onde há vida há também vontade: porém não vontade de vida, mas – assim to ensino – vontade de poder! (...) Há muitas coisas mais estimadas pelo vivente do que a própria vida; mas na própria avaliação fala – a vontade de poder! (NIETZSCHE, 2014, p. 115-116).

A noção de Vontade de Potência, porém, abarca uma visão do mundo como uma “pluralidade de forças”. Conforme Sousa (2009), as forças seriam unidades de ações que se relacionam para formar centros de vontades de potência, que, por sua vez, seriam compostos por forças que hierarquicamente mandam e obedecem. Esses centros de vontades de potência podem ser destruídos, mas as forças permanecem, elas passam a se relacionar com outras forças e a criar outros centros de vontade de poder.

Essa é a chamada “Teoria das Forças”, em que todo o cosmos seria constituído em toda sua estrutura por

forças (vontades de potência) que estariam em constante luta, ou devir. Nessa perspectiva, os corpos ou os seres seriam o resultado da relação de forças que se unem ou se separam para formar um centro de vontade de potência.

Souza (2009) ressalta que, quando os centros são dominados por forças ativas, serão centros de vontades de potência afirmativas; quando não, os centros de vontades de potência serão negativos. A vontade de potência, portanto, está presente em tudo, mas para avaliar os valores o parâmetro será a Vida.

Essa breve interpretação do que seria “Vida” no pensamento nietzschiano é bastante peculiar à sua filosofia e se mostra um pouco distante do tema central desse escrito. Entretanto, é possível tecer os seguintes questionamentos: A postura de “*deixar a vida me levar*” pode ser considerado um ato de afirmação da vida ou de criação? “*Deixar a vida me levar*” é uma atitude que contribui ativamente para uma “vontade de potência”?

### **Resistência e superação**

No pensamento de Nietzsche, a resistência e a superação são atitudes positivas frente a valores decadentes. O objetivo de resistir e de superar consiste em construir novos valores capazes de afirmar a vida. Esse é o papel do Além do Homem (*Übermensch* ou Super-Homem), um ideal nietzschiano a ser alcançado, que representa a superação do homem: “*O homem é algo que deve ser superado*” (NIETZSCHE, 2014, p. 23).

Para Nietzsche, a superação da condição de homem para transformação em um Além do Homem é um ato arriscado, que requer coragem. E é nisso que residiria o valor do homem: a possibilidade de se tornar algo maior.

O homem é uma corda, estendida entre o animal e o super-homem – uma corda sobre um abismo. Um perigoso atravessar, um perigoso estar a caminho, um perigoso olhar para trás, um perigoso arrepiar-se e estacar. O que é grandioso no homem é que ele seja uma ponte: o que pode ser amado no homem é que ele seja uma passagem e não um acaso (NIETZSCHE, 2014, p. 25).

A superação pode ser entendida como o surgimento de alguém capaz de enfrentar a vida sem as escoras que o homem comum sempre precisou para aguentar o peso da existência. O Além do Homem é um ser saudável, capaz de ultrapassar o rio da vida e superar os valores decadentes, “demasiados humanos”.

Como foi dito, a resistência e a superação conclamam a edificação de novos valores. Esses novos valores dão significado à existência e se constroem na luta e não ao sabor do acaso. Segundo Sousa (2009), no pensamento de Nietzsche, a saúde se encontra na luta. Essa é a perspectiva que promoverá a fortificação da vida. Esse processo é necessário para que ocorra um amadurecimento e para que seja possível darmos sentido a nossa existência.

[...] a luta existe porque viver é lutar. Portanto, quem espera da vida “mar

liso”, esse é um forte candidato a decepção. A vida não está pra nós, mas nós para ela. Além disso, somos nós que “enfiamos” sentido na existência, e não ela em nós, já que a vida para fluir não necessita, ela própria, de sentido. Nesta perspectiva é que, também, ela está para nós: como um “sem sentido”. Então, além da briga do natural que há em nós, pois a natureza é luta, também colocamos em luta contranatureza (cultura) e natureza. Querer dar sentido a vida é uma dessas lutas (SOUSA, 2009, p. 84).

A vida, além de luta, é também concebida por Nietzsche como busca por conhecimento, em oposição a um leito de repouso, de distração ou de ócio.

In media vita [No meio da vida] – Não, a vida não me desiludiu! A cada ano que passa eu a sinto mais verdadeira, mais desejável e misteriosa – desde aquele dia em que veio a mim o grande libertador, o pensamento de que a vida poderia ser uma experiência de quem busca conhecer – e não um dever, uma fatalidade, uma trapaça! - E o conhecimento mesmo: para outros pode ser uma coisa, um leito de repouso, por exemplo, ou a via para esse leito, ou uma distração, ou um ócio – para mim ele é um mundo de perigos e vitórias, no qual também os sentimentos heroicos têm seus locais de dança e jogos. A vida como meio de conhecimento – com esse princípio no coração pode-se não apenas viver valentemente, mas até viver e rir alegremente! E quem saberá rir e viver bem, se não entender primeiramente da guerra e da vitória? (NIETZSCHE, 2004, p. 215)

É possível afirmar que a escolha mais saudável de se viver e de se relacionar consigo mesmo e com o

mundo que nos cerca passa por um esforço pessoal que abarca todas as contingências da vida, num contínuo exercício de coragem, resistência e, se possível, de superação. Para se ter uma vida repleta de significados, criações e realizações, é preciso esforço e dedicação na busca da construção de um caminho a ser percorrido tomando as rédeas da própria vida.

Nesta célebre e conhecida passagem, Nietzsche afirma a necessidade de ousar e de construir o próprio caminho sem a interferência de outrem:

Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que necessitas atravessar, sozinho, para ultrapassar o rio da vida - ninguém, a não ser tu. Certamente existem inumeráveis sendas e pontes e semideuses que vão se oferecer para te levar para o outro lado do rio; mas isso te custaria tua própria pessoa que deverias penhorar e seguramente te perderias. No mundo existe um só caminho no qual somente tu podes passar. Para onde leva? Não perguntes, segue-o. (NIETZSCHE, 2008, p. 18)

Sousa (2009) afirma ainda que a filosofia nietzschiana propõe que cada um experimente-se para ser alguém autêntico. A superação, ou a “autossuperação de si mesmo”, reside num crescimento mediante o triunfo frente aos obstáculos que nos são impostos: é preciso aprender a transformar os obstáculos da vida em estímulos para o próprio crescimento.

Essa postura de transformar obstáculos em estímulos é uma forma para se desenvolver as forças vitais. É em tal atitude que se pode compreender

uma das mais conhecidas máximas nietzschianas: “*Da escola de guerra da vida - O que não me mata me fortalece*” (NIETZSCHE, 2006, p. 10).

Infere-se que essa sentença deve ser compreendida como uma forma de encarar as vicissitudes e as contingências da vida, e não como uma procura por problemas no intuito de se tornar mais forte.

Nietzsche ainda assevera que

Temos de assumir perante nós mesmos a responsabilidade de nossa existência; é por isso que decidimos ser realmente os pilotos dessa existência e não permitir que ela se assemelhe a um acaso. Devemos abordá-la com o mínimo de audácia e temeridade, pois podemos perdê-la por qualquer coisa que possa acontecer. (NIETZSCHE, 2008, p. 17)

Tal maneira de conceber uma atitude frente à vida está muito distante do corolário “*deixa a vida me levar*”, que denota conformação e aceitação de qualquer caminho. “*Deixar a vida me levar*” é a atitude do homem fraco cujo centro de sua vontade de potência está sendo dominado por forças reativas permitindo que ele faça apenas parte do rebanho.

Pode-se, por fim, afirmar que a atitude de “*deixar a vida me levar*” pode também ser interpretada, no dizer nietzschiano, como uma “moral de rebanho”. Uma moral reativa, permeada por um comportamento obediente e impensado sobre os costumes e sobre as opiniões dominantes, em que não há força para resistir e superar.

O que ofende mais fundo, o que separa mais radicalmente, do que deixar de perceber o rigor e a elevação com que se trata a si mesmo? Por outro lado - como se mostra afável, como se mostra afetuoso o mundo, tão logo fazemos como todo mundo e nos “deixamos levar” como todo mundo”. (NIETZSCHE, 2001, p. 84)

### Considerações Finais

Essa abordagem sobre a atitude de “*deixar a vida me levar*” representa nesse escrito uma espécie de pano de fundo em que a obra de Nietzsche esboça uma pintura que projeta construir um significado ou diagnóstico sobre tal conduta.

A crítica aqui tecida a tal postura tencionou discutir a mediocridade e o comodismo velados e propõe que a vida deve ser conduzida e vivida de maneira intensa, em que é necessário saber fazer escolhas, assumir responsabilidades, medir as consequências dos atos e não fugir dos problemas, mas enfrentá-los e não apenas viver “*deixando a vida me levar*”. É importante ressaltar que esse escrito não possui o objetivo de criticar um ponto de vista para construir uma “nova moral”, o que seria uma deturpação do pensamento do “Filósofo do Martelo”, utilizado como fio condutor dessa investida.

A análise da questão proposta também não pretende se impor como algo definitivo. A mesma consiste apenas numa interpretação, pois, de acordo com o pensamento nietzschiano, não existem nem a verdade e nem a falsidade, mas apenas interpretações. Por sua vez, toda interpretação é uma

perspectiva e este escrito buscou desenvolver apenas um ponto de vista sobre o assunto em pauta.

Assim, se essa provocação iniciou-se com uma canção, nada mais coerente que termine por meio de outra canção que enfatize o que foi aqui discutido: uma postura frente à vida. Dessa maneira, curiosamente, a canção escolhida foi escrita e cantada por um cantor/compositor que a semelhança de Nietzsche também usava bigodes, Belchior:

*Saia do meu caminho/Eu prefiro  
andar sozinho/DEIXEM QUE EU  
DECIDA A MINHA VIDA/Não  
preciso que me digam/De que lado  
Nasce o sol/Porque bate lá meu  
coração [...]*<sup>5</sup>

<sup>5</sup> BELCHIOR, *Comentários a respeito de John*. São Paulo, WEA, 1979.



## Referências

MARTON, Scarlett. **Nietzsche**: uma filosofia a marteladas. São Paulo: Brasiliense, 1999.

NIETZSCHE, F. W. **Assim Falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L & PM, 2014.

NIETZSCHE, F. W. **Crepúsculo dos Ídolos**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, F. W. **Ecce Homo**: como alguém se torna o que é. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, F. W. **Terceira Consideração Intempestiva**: Schopenhauer educador. Tradução Antonio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2008.

NIETZSCHE, F. W. **Gaia Ciência**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da Moral**: uma polêmica. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

SOUSA, M. A. **Nietzsche**: Viver intensamente, tornar-se o que se é. 4ª Edição. São Paulo: Paulus, 2009.

25

*O(s) autor(es) se responsabiliza(m) pelo conteúdo e opiniões expressos no presente artigo, além disso declara(m) que a pesquisa é original.*

**Recebido em 20/09/2020**

**Aprovado em 23/11/2020**